

Pawana,
J.M.G. Le Clézio



Jean-Marie Gustave Le Clézio



- Nascido em Nice, em 13 de abril de 1940;
- Mãe francesa, pai inglês;
- 1947, viagem à Nigéria (onde o pai reside) de navio;
- Eles deixam o estuário de la Gironde a bordo do Nigerstrom;

Onitsha (cidade nigeriana), 1991



“O Surabaya, um navio de três toneladas, já velho, da Holanda-África Linhas Marítimas, deixa as águas salgadas do estuário de La Gironde e começa sua rota rumo à costa oeste da África. (...) Era o fim de um domingo, 14 de março de 1948, e Fintan jamais esqueceria essa data”.

Obs.: Fintain, o pequeno herói do livro, é o *alter ego* de Le Clézio.

Jean-Marie Gustave Le Clézio



- Durante a viagem, Le Clézio escreve dois romances: *Un long voyage* e *Oradi noir*;
- *Un long voyage*: a própria viagem para a Nigéria, acrescentada de um fato fantástico: uma enorme baleia arremessa o navio no ar;
- *Oradi noir*: história de um menino africano de 9 anos que passeia por todos os continentes.



Le déluge, 1966 (O dilúvio)

- Reprodução de parte das narrativas dos dois livros escritos aos 7 anos;
- Epígrafe: “Os olhos não têm fronteiras” (de um provérbio crioulo)
- *Oradi noir*: o protagonista, François Besson, em crise existencial, encontra um velho caderno escolar escrito por um menino e lê a narrativa.

Na Nigéria



- Permanecendo mais de dois anos na Nigéria, Le Clézio, tal como o pequeno herói Fintan (*Onitsha*), descobre os benefícios de ser livre e correr descalço pela savana.
- O retorno para a França, em 1950, é duro.
- Enquanto os amigos de escola praticam futebol e ciclismo, Le Clézio se dedica à literatura, ao desenho e às HQs.

Ailleurs, 1995



- Série de entrevistas concedidas a Jen-Louis Ezine;
“Eu falhei na minha carreira. Eu adoraria ter sido desenhista de HQs. Era o que me dava prazer realmente. Nas HQs existe literatura – as palavras (você pode dizer coisa muito boas dentro daqueles balõezinhos) – e os desenhos, que permitem que você fuja das palavras quando quer. É uma verdadeira fusão”.

Fugir das palavras?



- O jovem Le Clézio não terá descanso algum;
- Ele estuda Letras, faz um mestrado sobre o poeta Henri Michaux (1899-1984):

<https://revistacult.uol.com.br/home/arcas-de-babel-laura-erber-traduz-henri-michaux/>

- Depois, defende uma tese de doutorado sobre o poeta Lautréamont (*Sur Lautréamont* – ver livro)

Primeiro livro: *Le procès verbal*, 1963



- Cujo original ele envia às Edições Gallimard, sem nenhum tipo de apresentação;
- O romance ganha o prêmio Renaudot, após perder por um voto o prêmio Goncourt;



Le procès verbal, 1963

Um jovem, Adam Pollo, marginalizado por opção, vive sozinho em uma casa abandonada, lutando contra a vertigem do mundo comum em um verão quente no sul da França. Lá, ele fica perto da janela para contemplar a paisagem. Depois, frequenta os cafés, as praias, as ruas. Um relacionamento o liga a uma jovem chamada Michèle. A história então se aprofunda na descrição de inúmeros eventos protagonizados por Adam: jogar bilhar, meditar, beber cerveja em um café, passear na praia, nas ruas. À força de querer viver, ele desce uma avenida um dia e fala com as pessoas como um ser extraordinário, que tem uma mensagem a transmitir. Aos poucos, a loucura toma conta dele. Pouco depois, é levado por policiais e vai parar em um manicômio, onde passa a discutir filosofia com os internos no salão principal.

A partir de 1963



- Passa a viver da literatura e faz inúmeras viagens internacionais;
- Em 1966, cumpre o serviço militar na Tailândia;
- Em 1968, dá aulas no México e nos Estados Unidos;
- Entre 1969 e 1973, passa longos períodos entre os indígenas do Panamá e da Guatemala;

1965-1970



- *La fièvre* (contos), 1965; *Le deluge* (romance), 1966; *L'extase materielle* (ensaio), 1967; *Terra amata* (romance), 1967; *Le livre des fuites* [vazamentos] (romance), 1969; *La guerre* (romance), 1970; *Lullaby*, 1970, (conto juvenil).

La fièvre, 1965



- “Essas nove histórias de pequenas loucuras são ficcionais; e ainda assim não foram inventadas. Seu material foi retirado de uma experiência familiar”.



L'extase materielle, 1967

- Epígrafe: “Dois pássaros, companheiros inseparáveis, residem na mesma árvore; um come o fruto doce da árvore; o outro o olha e não come nada”. Rig Veda I, 164, 20.
- “A beleza da vida, a energia da vida não está no espírito e sim na matéria”.

Terra amata, 1967



- As quatro etapas do protagonista Chancelade: aos 4 anos, aos 12 anos e meio, aos 22 anos e aos 80 anos.
- Certa vez a avó lhe diz que a vida é muito curta, e ele resolve vivê-la intensamente.

Le livre des fuites, 1969



Young Man Hogan, 29 anos, nascido em Langson (Vietnã), empreende uma viagem pelo mundo que é uma fuga perpétua. Do Camboja ao Japão, de Nova York a Montreal, passando pela Califórnia e pelo México, ele faz um raio-x de si mesmo e do mundo com suas cidades monstruosas, suas rodovias e seus desertos, suas montanhas e seus portos, as populações miseráveis, morrendo de fome. O mito da modernidade chama a atenção para o problema da consciência. JHH escreve: “Quero traçar o meu caminho, destruí-lo, assim, sem descanso. Quero quebrar o que criei, criar outras coisas, quebrá-las novamente. Este movimento é o verdadeiro movimento da minha vida”.

La guerre, 1970



Uma jovem frágil, Bea B, faz uma longa caminhada com Monsieur X, que a leva aos mais fascinantes lugares familiares de nossa sociedade. Carros, rodovias, aeródromos, lojas de departamentos, boates, cantinas permitem que a nova Pítia do Apocalipse expresse sua visão de guerra e paz, guerra e amor.

Lullaby, 1970, narrativa juvenil



Lullaby é uma jovem fascinada pelo mar e que adora a natureza. Ela escolhe um dia não ir para a escola, para dar um passeio e descobrir o mundo ao seu redor. Em sua fuga, fazendo amizade com um menino, ela irá de descoberta em descoberta. Porém, um dia, será necessário voltar ao ensino médio. Quem vai querer acreditar em sua estranha jornada?

Hai, 1971, ensaio



- Um ponto de virada em sua escrita;
- O encontro com os povos originários das Américas e o contato com a natureza o transformam.
- “Eu sou um indígena. (...) Quando eu encontrei os indígenas, eu, que nunca acreditei especialmente na ideia de família, conheci milhares de pais, de irmãs, de esposas...”

“Escrever é viajar”



- De Nice à Bretanha (de onde vêm seus ancestrais), do México ao Marrocos, das rotas oceânicas às areias do deserto, uma mesma viagem, uma mesma busca: Le Clézio empreende por meio da linguagem a descoberta de países desconhecidos.

Pawana (1992), um mito de origem



- A partir dos anos 1980, Le Clézio viaja por diversas vezes às Ilhas Mascarenhas, no Oceano Índico;
- Tais viagens o conduzem também a Rodrigues (*Voyage à Rodrigues*, 1986) e às Ilhas Maurício e se convertem em encontros com tempos remotos;

Pawana (1992), um mito de origem



- Em Rodrigues, o escritor se recorda de que no século XVIII um certo François Alexis Le Clézio deixou a Bretanha, com sua mulher e sua filha, rumo às Ilhas Maurício (ver mapas no slide seguinte), que, em 1810, com as guerras napoleônicas, viraram uma possessão inglesa;



Pawana (1992), um mito de origem



- Apesar da origem bretã, os ancestrais do escritor adquiriram a nacionalidade inglesa;
- Le Clézio é o nome hoje de uma pequena vila na região de Morbihan (que em bretão significa pequeno mar [mor-bihan]);



Pawana (1992), um mito de origem



- Ainda criança, Le Clézio tinha muita admiração por seu avô Leon, que abandonou família e posses na França e saiu rumo às Ilhas Maurício em busca de um “hipotético tesouro”.
- Em *Le chercheur d'or* (1985), ele reconta essa história, do avô que procurou por ano o tesouro de um corsário desconhecido;

Pawana (1992), um mito de origem



- Estão na base de *Pawana* também *A ilha do tesouro*, de Stevenson; *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe; *A ilha misteriosa*, de Julio Verne; os romances de Joseph Conrad e os relatos de grandes navegadores.

O sonho do mar



- Em *Viagem à Rodrigues*, Le Clézio escreve: “O sonho do meu avô era sobretudo o sonho do mar. Não o mar que ele podia ver em Port Louis (...) o mar belo e calmo (...) e sim o mar que era a substância mesma do sonho: infinito, desconhecido, um mundo onde nos perdemos de nós mesmos, onde nos tornamos outros. O mar, o único lugar do mundo onde se pode estar longe, às voltas com os próprios sonhos, perdido e próximo de si mesmo”.



O nascimento das baleias

- As baleias apareceram muito cedo na vida de Le Clézio, seja na viagem à Nigéria, aos 7 anos; seja em suas viagens pelos livros.
- *Pinocchio*, de Carlo Collodi, o episódio bíblico de Jonas e *Histoires comme ça*, de Rudyard Kipling, do qual faz parte o conto “Le gosier de la baleine”, em que um naufrago é engolido pelo cetáceo e consegue se livrar dele cortando sua jangada em várias hastes, que ele finca na garganta da baleia. Por isso, conclui a narrativa, as baleias hoje só conseguem ingerir pequenos peixes e não mais moças e rapazes.

O nascimento das baleias



- Outras narrativas que estão na base de *Panawa*:
- *Os trabalhadores do mar*, Victor Hugo;
- *Vinte mil léguas submarinas*, Julio Verne;
- *Os baleeiros, viagem às terras antípodas*, de Alexandre Dumas;
- *Moby Dick*, de Herman Melville.



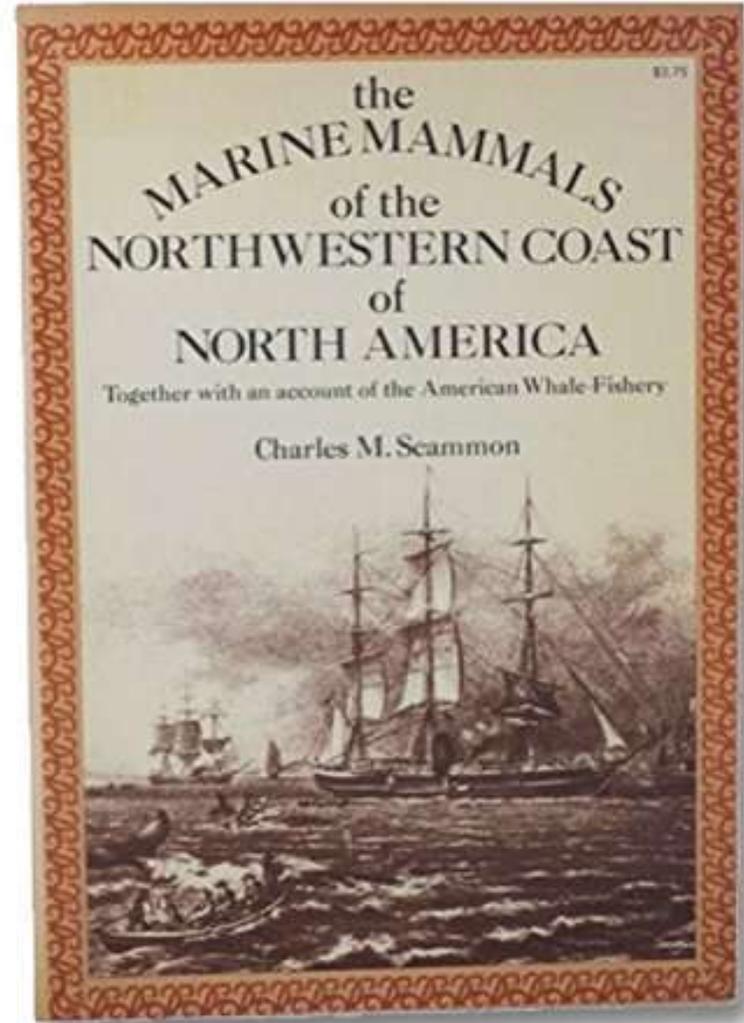
O nascimento de *Pawana*

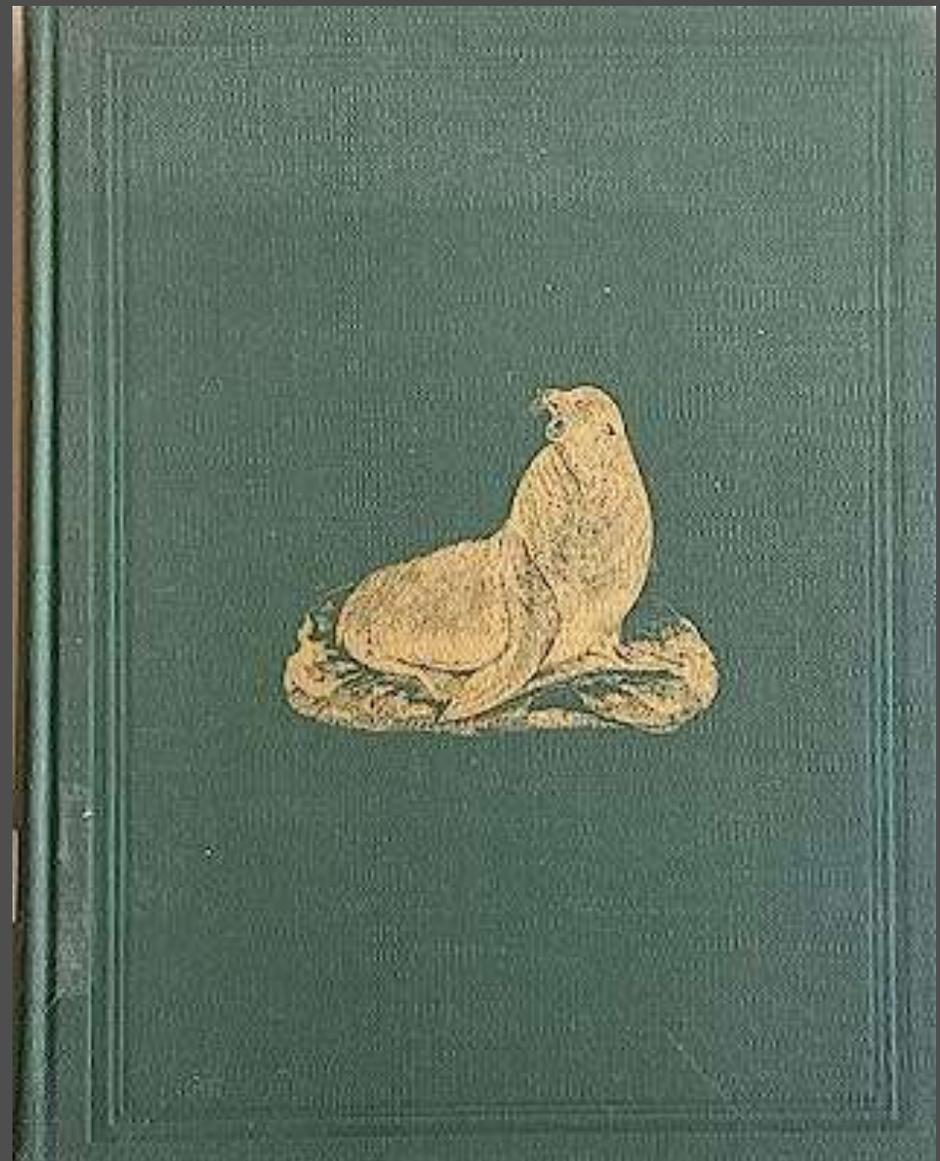
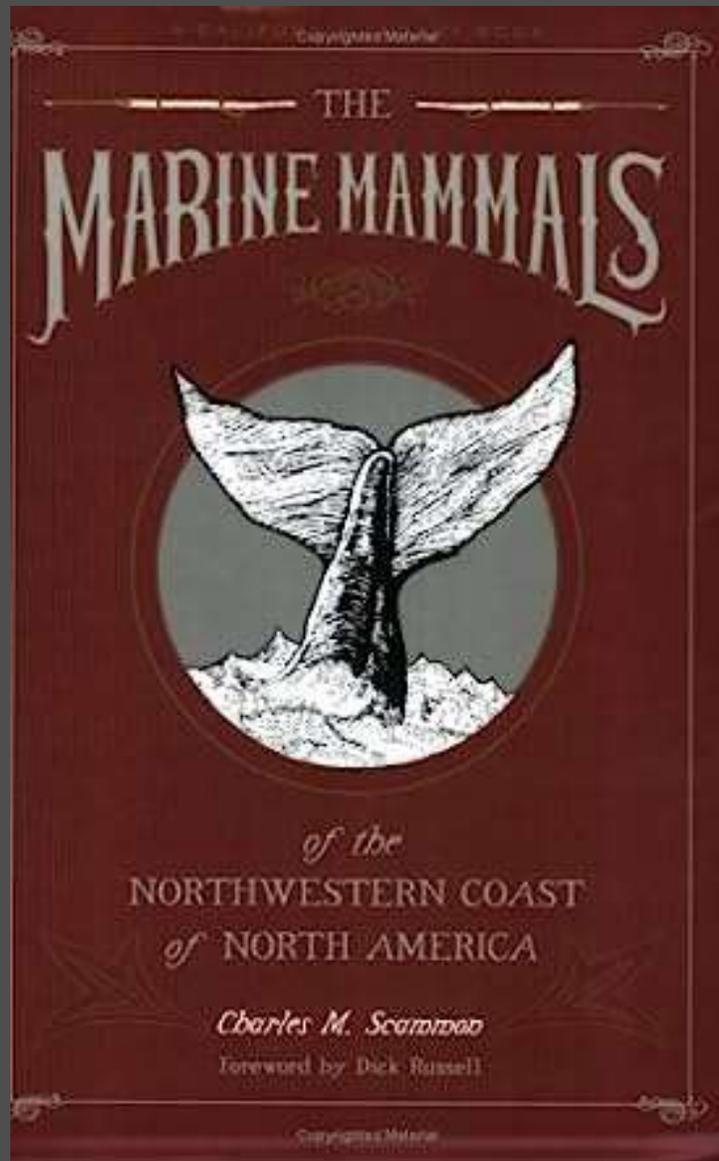
- A narrativa foi escrita em 1988 para ser encenada pelo diretor Georges Lavaudant. Da edição original de 1992, constam as seguintes informações:
- “Trata-se da história verídica do baleeiro Charles Melville Scammon, que descobriu no México em fins do século XIX uma enseada onde as baleias cinzas iam se reproduzir e decide exterminá-las;
- Dando-se conta de que cometeu um erro, ele dedica o resto da vida a salvá-las, ajudado pelos revolucionários mexicanos”.

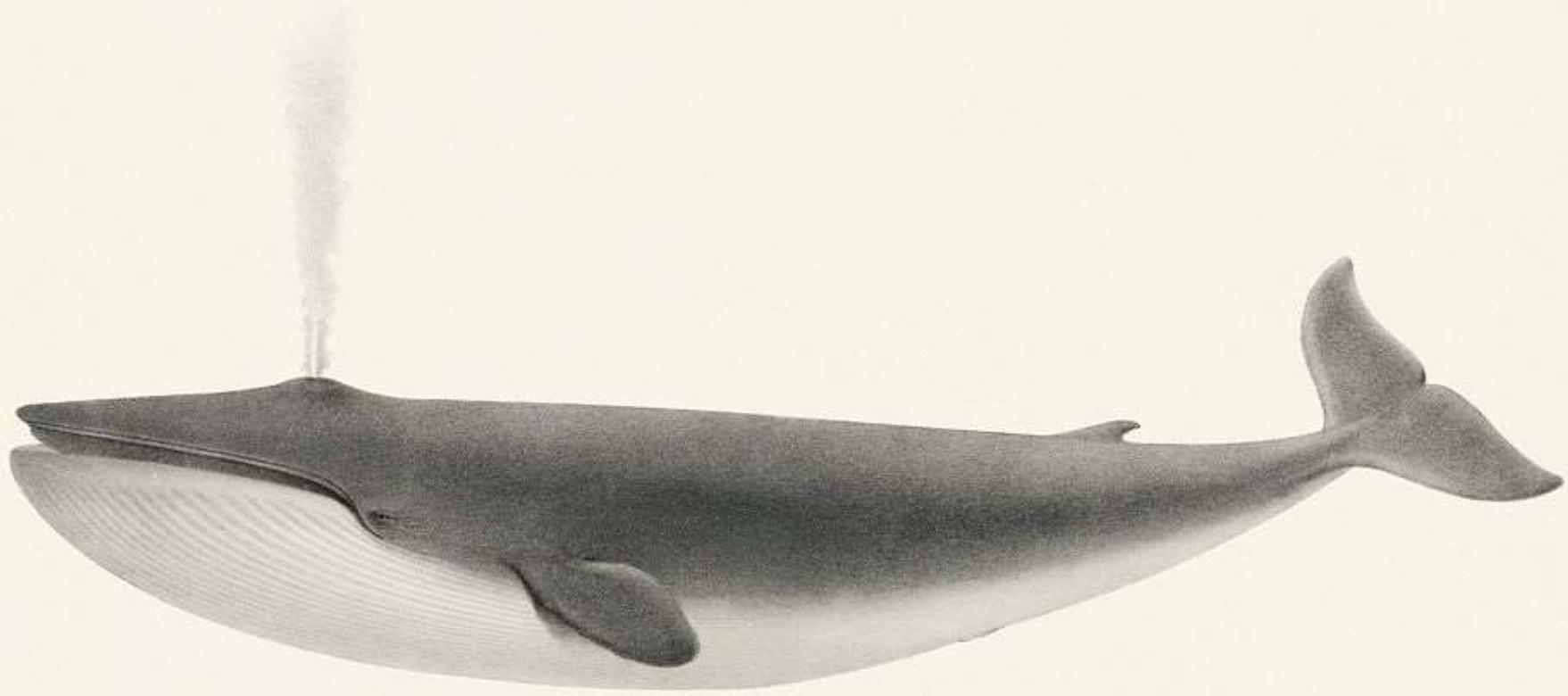
Charles Melville Scammon (1825-1911)



Baleeiro e naturalista, foi o primeiro a caçar as baleias cinzentas da Laguna Ojo de Liebre e da lagoa San Ignacio, a primeira também conhecida como "Lagoa de Scammon" em homenagem a ele. Em 1874 ele escreveu o livro *The Marine Mammals of the North-western Coast of North America*, que foi um fracasso financeiro. Agora é considerado um clássico.



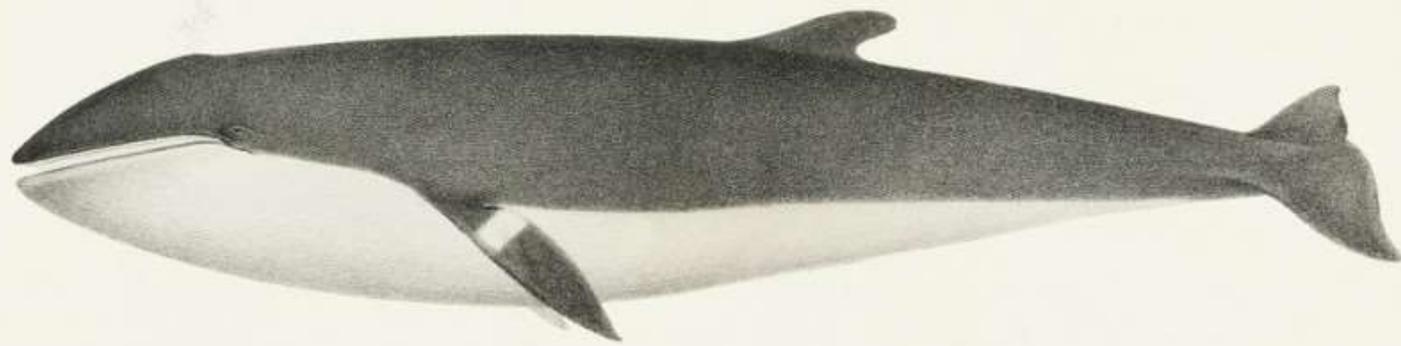
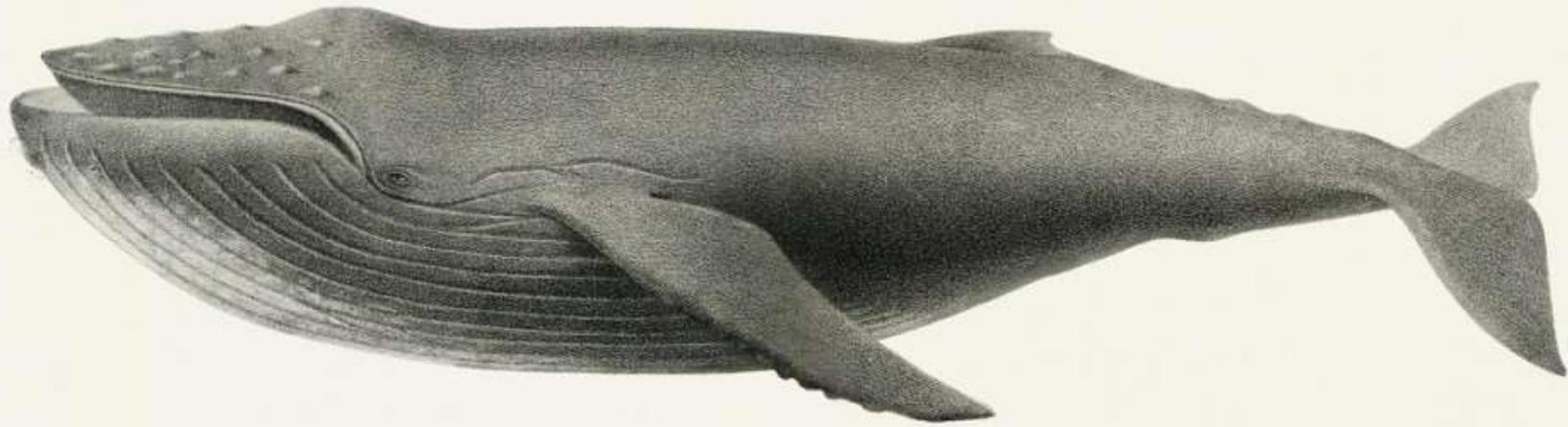


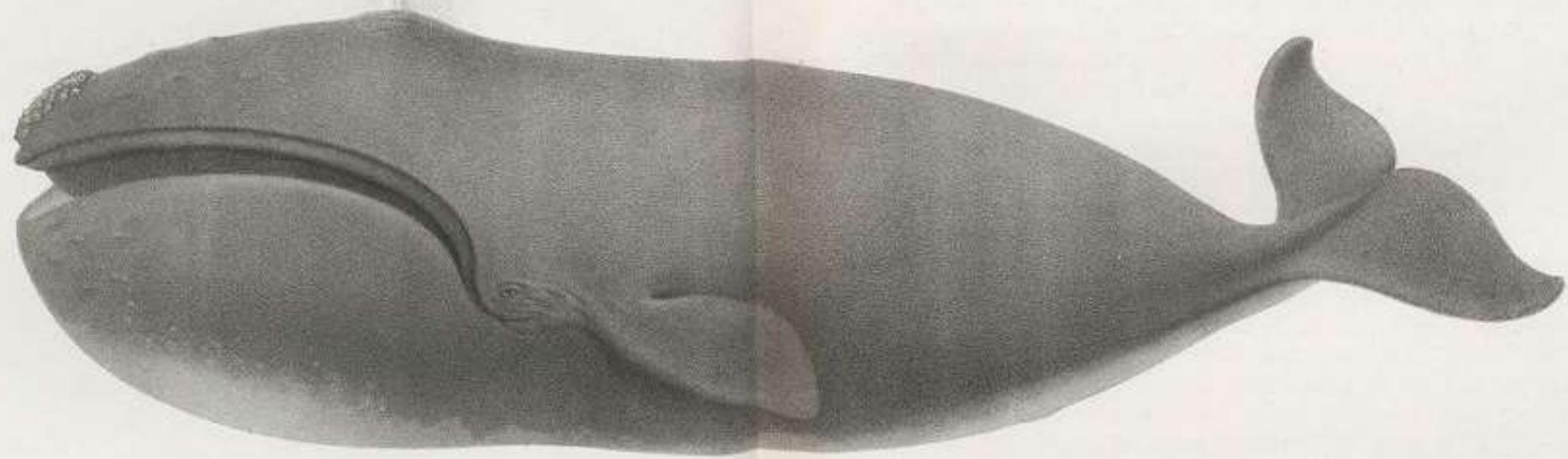


C. M. Seaman, del.

THE SULPHUR-BOTTOM (*Melephina Sulphurea*, Cope)

PLATE XII







C. M. Seaman. del.

Whitson & Bay. scul.

SPERM WHALE (PHIDIPPUS MACROCEPHALUS, LINN.)

Os nomes



Léonore: de origem germânica, significa “aquela que tem a luz” ou “aquela que é brilhante”. Está associado ao idioma francês antigo, em que a versão era “Aliénor”. Estes nomes se originaram a partir do grego, que pode ser traduzido como “tocha” ou “a luminosa”, a partir do elemento hélê, que quer dizer “raio de sol”, na tradução livre. Por extensão, também pode significar “luz”.

Araceli: variante de Aracele, que tem origem no latim antigo *Aracoeli*, formado pela união dos elementos *ara* (“altar”) e *coeli* (“celeste, celestial”). Na língua espanhola, foi adotado como um apelido da Virgem Maria, através da padroeira da cidade espanhola de Lucena, *María Santísima de Araceli*.

O que diz a crítica



- Obra percebida como uma crítica ferrenha à civilização urbana e ao Ocidente materialista;
- “Um escritor da ruptura, da aventura poética e do êxtase sensual” (Prêmio Nobel);
- Sua obra reflete uma nostalgia dos mundos primitivos;
- “Metafísica da ficção”: em seus romances, ele questiona os fundamentos da literatura tradicional. Sua vontade é "escavar o mais trágico, o mais autêntico, para encontrar a linguagem desgarrada e que provoca as emoções”.

O que diz o próprio escritor



- "Tenho a sensação de ser uma coisa pequena neste planeta, e a literatura me serve para expressar isso. Se me atrevesse a filosofar, diriam que sou um rousseauista, que não compreendi nada“.
- Um romancista tem que naturalmente escrever sobre sua juventude, “na qual o principal lhe foi dado”.

Bibliografia



- LE CLÉZIO, Jean-Marie Gustave. *Pavana*. Texte e dossier. Paris: Gallimard, 2003. Colection La bibliothèque Gallimard. Lecture accompagnée par Bruno Doucey, professeur certifié de lettres modernes.